

Ceilândia faz 17 anos sem motivo para fazer festa

Ivaldo Cavalcante

Ricardo Kassatti e
Hugo Marques

Ceilândia completa hoje 17 anos de existência ocupando o 13º lugar entre as cidades mais populosas do Brasil com seus 600 mil habitantes distribuídos em 36 quilômetros quadrados, segundo estimativas da Administração Regional. É uma cidade populosa e problemática, que deseja uma autonomia maior.

Sem escolas suficientes, leitos hospitalares, empregos e policiamento, Ceilândia cresce atualmente a uma taxa de 7% ao ano devido ao grande número de nascimentos e a constante migração nordestina. Cerca de 60% dessa população está na faixa etária abaixo de 20 anos e está longe de possuir a renda per capita oficial de Cz\$ 4,5 milhões por ano.

A própria história da cidade evidencia esta má distribuição de renda. O nome Ceilândia deriva da sigla CEI, de Campanha de Erradicação de Invasões, criada para assentar as famílias da invasão do IAPI, Morro do Querosene, Placa da Mercedes, Vila Esperança, e outras favelas menores, que proliferavam entre o Núcleo Bandeirante e o Guará. Assim, em 1971 e com 80 mil pessoas, foi implantado o núcleo central de Ceilândia.

A partir de 1975, Ceilândia conquistou sua Administração Regional, se desvinculando da Administração Regional de Taguatinga. No entanto, Ceilândia e Taguatinga ainda pertencem à mesma Região Administrativa III, o que é desvantajoso para as duas cidades satélites no momento de se distribuir os recursos governamentais, que é feito por regiões. O Distrito Federal está dividido em oito Regiões Administrativas e, hoje, tramita no Congresso Nacional uma mensagem do governador José Aparecido, de junho de 1986, solicitando mudança no artigo da Lei 4545, de 1966, que estabeleceu o número de oito Regiões Administrativas no DF, possibilitando a criação de quantas forem necessárias.

Expansão

Ceilândia continuou crescendo e hoje já está solicitando ao Departamento de Urbanismo, da Secretaria de Viação e Obras (SVO), e ao Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma) a alteração de gabarito para construções e da destinação de uso nos lotes que ficam defronte às avenidas M-1, M-2, M-3, N-1, N-2, N-3, MN-1 e MN-2, na área central da cidade. Segundo o diretor da Divisão de Licenciamento e Fiscalização de Obras da Administração Regional, Ronildo Divino de Menezes, o próprio desenvolvimento da cidade criou uma necessidade de crescimento vertical.

“Essas alterações dariam a Ceilândia a oportunidade de ter um comércio mais desenvolvido e sofisticado. As pessoas que têm uma renda maior procuram outros centros para este tipo de consumo que não tem aqui por falta de condições adequadas”, explicou Ronildo. Para ele, Ceilândia já comporta a construção de shopping centers, pois existem consumidores e o comércio só trabalha com produtos básicos.

Segundo Ronildo Divino, Ceilândia tem 3,5 mil estabelecimentos, comerciais, onde predominam as casas de material de construção, cinco feiras com 15 bancas e cerca de 2 mil ambulantes. O maior comércio da cidade é monopolizado pela cerealista Santa Teresinha, “o maior atacadista do Centro-Oeste”, garante Ronildo. Mas, como a capacidade de geração de empregos desses setores já se esgotou, a esperança para os milhares de jovens que procuram uma vaga no mercado de trabalho, está na implantação definitiva do Setor Industrial.

Fronteira

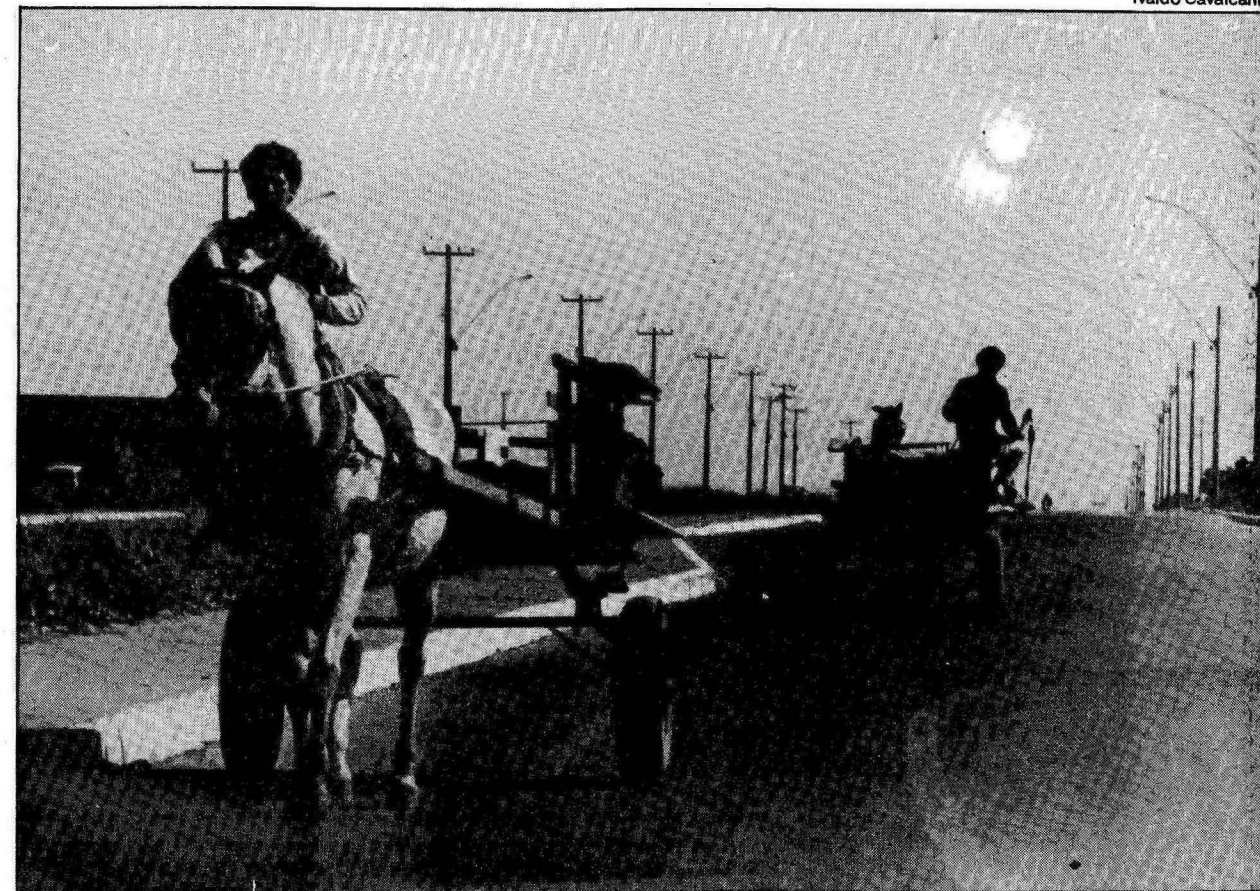
Isso se tornou possível depois que o Cauma aprovou o aumento da fronteira de Taguatinga, em direção ao Plano Piloto, em troca de uma parte da zona rural, que passou para Ceilândia. Com essa área, será possível instalar indústrias que gerem empregos e recursos para a cidade. É essa preocupação com a juventude que vem guiando as ações

da Administração Regional de Ceilândia, segundo Ronildo. “Os jovens são a prioridade número um. Por isso, precisamos de mais escolas além dos empregos”, explica Ronildo.

A população estudantil de 1º Grau, na Ceilândia, é hoje de 170 mil alunos, mas apenas 130 mil estão podendo estudar e, assim mesmo, utilizando o sistema de três turnos, com o conhecido “turno da fome”, no horário do almoço. “Infelizmente, 40 mil crianças estão fora das escolas, fazendo bobagens na rua”, desabafou Ronildo. O déficit de salas de aula já chegou às 500 salas e se soma a outros déficits como o de leitos hospitalares, que hoje é de 1.300 leitos. O Hospital Regional de Ceilândia tem apenas 200 leitos.

A falta de empregos e de escolas gerou a delinquência que, por sua vez, encontrou nas drogas uma fonte de sonhos e lucros rápidos, transformando Ceilândia num grande centro distribuidor de drogas para áreas mais ricas, como o Plano Piloto, Guará e Taguatinga. A violência tomou conta das escolas, onde as diversas gangs atuam e já não é surpresa encontrar cadáveres nos estabelecimentos pela manhã. “A Ceilândia precisa de um batalhão da PM. Com toda essa população e todos esses problemas, temos apenas uma companhia com um efetivo de 200 homens”, disse Ronildo.

Por outro lado, Ceilândia não tem problemas de saneamento básico. Toda a cidade desfruta de um completo sistema de abastecimento de água e rede de esgoto. Ainda estão sendo investidos, através do antigo Projeto Cura, do finado BNH, 2,4 milhões de OTNs em obras de asfaltamento, meio fios, calçadas e galerias de águas pluviais. Dividido em quatro etapas, o projeto já deu início à segunda etapa. A primeira, já concluída, beneficiou as quadras QNM 1 a 4, QNN 1 a 4, EQNM 1/3, 3/5, 2/4, e 4/6, EQNN 1/3, 3/5, 2/4, e 4/6. A segunda etapa atingirá as QNM 5, 7 e 9; QNN 6, 8 e 10; EQNM 5/7 e 7/9; e EQNN 6/8 e 8/10.



Na Ceilândia, o transporte em muitas vias públicas ainda é feito por muitas carroças